

ASPECTOS HISTÓRICOS DO CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O ALEMÃO E O PORTUGUÊS NO SUL DO BRASIL ATRAVÉS DE CARTAS ANTIGAS: INTERFERÊNCIAS FONÉTICAS NO PORTUGUÊS DOS IMIGRANTES

Joachim Steffen¹

RESUMO

A imigração massiva de colonos alemães no Sul do Brasil, iniciada em 1824, resultou num contato linguístico prolongado que teve por consequência uma série de influências entre as variedades envolvidas, em especial do português, do dialeto hunsriqueano e do alemão-padrão. Cartas antigas, escritas por colonos com baixa escolaridade, permitem observar processos de aproximação em que os desvios da ortografia revelam as interferências que marcavam a pronúncia dos falantes bilíngues. No presente artigo, analisam-se duas cartas, uma escrita em português e a outra em alemão, do mesmo autor, um filho de imigrantes oriundos da Alemanha. A análise concentra-se em aspectos fonético-fonológicos, refletidos nas grafias divergentes da ortografia padrão.

Palavras-chave: cartas de imigrantes, contato linguístico, fonética histórica.

1. A escrituralidade dos imigrantes alemães no sul do Brasil no contexto do contato linguístico com o português

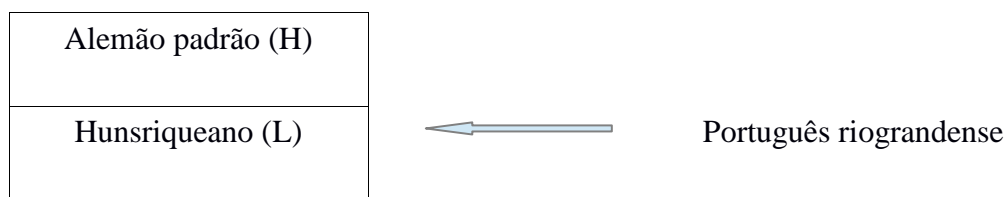
A partir de uma iniciativa do Imperador Dom Pedro I e, particularmente, de sua esposa, a Imperatriz Dona Maria Leopoldina, de origem austríaca e pertencente à Casa dos Habsburgos, iniciou-se no ano de 1824 um longo e promissor projeto de assentamento de colonos alemães no Rio Grande do Sul. O objetivo era povoar o vasto território do país que, como afirmavam os documentos oficiais da época, precisava de “braços assíduos e laboriosos” (SCHRÖDER, 1936, p. 33, *apud* TORNQUIST, 1997, p. 2, tradução minha). Adicionalmente, o recrutamento dos imigrantes no caso do Rio Grande do Sul serviu para consolidar a reivindicação da propriedade do Estado

¹ Professor visitante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista da Fundação Alexander-von-Humboldt. Possui doutorado - Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel (2006). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia. E-mail: joachimsteffen@gmx.com

Brasileiro sobre essa região fronteiriça, que precisava ser protegida dos invasores vizinhos mais ao sul (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 60 e ROCHE 1969, p. 9-17). A subsequente imigração de colonos alemães resultou num contato prolongado entre variedades alemãs faladas pelos teuto-brasileiros e as variedades do português da Região Sul.

Os imigrantes provinham de diferentes áreas da Alemanha, que naquela época nem mesmo constituía um Estado Nacional; por conseguinte, trouxeram vários dialetos distintos para o Brasil, sendo o maior contingente oriundo da região do Hunsrück e áreas adjacentes da Alemanha, falantes de variedades dialetais do francônio-renano (usuários de variantes como *das* e *was*) e francônio-moselano (falantes de *dat* e *wat*). Como consequência, foram essas variedades que de forma mais notável contribuíram na formação da coiné que surgiu no Novo Mundo, devido à eliminação das fronteiras dialetais (vide ALTENHOFEN, 1996, p. 16-27 & 56, 57; PUPP SPINASSÉ 2011, p. 432, 433). Na oralidade, portanto, dominava uma variedade do alemão que apresentava fortes traços de dialetos do centro-oeste da Alemanha e na qual gradualmente foram absorvidos mais e mais elementos do português. Essa variedade, conhecida como *riograndenser Hunsrückisch* (ou hunsriqueano em português), é uma das línguas minoritárias mais faladas no sul do Brasil.

Não obstante, além do alemão dialetal do âmbito informal da oralidade, os imigrantes trouxeram consigo também o alemão-padrão (*Hochdeutsch*). Este foi utilizado no âmbito da escrita, ou seja, quando se escrevia, se escrevia em *Hochdeutsch*. Isso é comprovado pelas publicações (p.ex. jornais e almanaques [*Kalender*]), inscrições (como em sepulturas e mantas de decoração para a parede [*Wandschoner*]), enfim, em cartas de imigrantes, como veremos mais adiante. Era essa a língua ensinada nas escolas que os imigrantes viram-se obrigados a fundar, diante da omissão do governo brasileiro na oferta de educação nas colônias (cf. KOCH 1996, p. 307, vide também KREUZ, 2000). Esquemáticamente, pode-se visualizar a constelação das variedades da seguinte forma:



Essa situação diglössica, em si já instável em virtude do contato com o português e de sua influência no dialeto falado, é interrompida fundamentalmente no momento em que o Estado Novo do Presidente Getulio Vargas suprime a utilização de qualquer outra língua salvo o português, como explica Altenhofen:

Die Folgen der Nationalisierungsmaßnahmen für die Sprachentwicklung des Hrs. [(riograndenser) Hunsrückisch] waren tiefgreifend. Während die heute zum Teil noch lebende älteste Generation in der Zeit vor 1938 das Schreiben und Lesen in der hdt. Schriftsprache noch erlernte, beschränkten sich die Deutschkenntnisse der nächsten Generation auf den häuslichen Bereich der Familie. Es trat für sie eine Reduktion in Gestalt der Dialektalisierung der Deutschkenntnisse ein anstelle des diglossischen Zustands von Hdt. und Hrs. der vorhergehenden Generation.

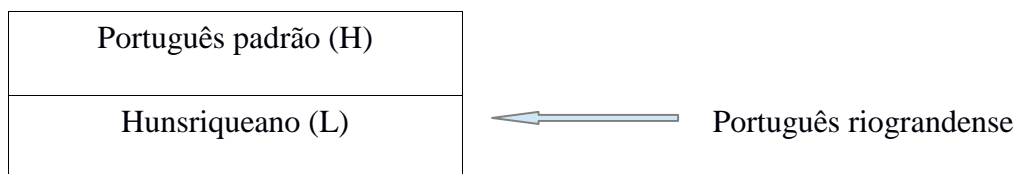
[As conseqüências das medidas de nacionalização para o desenvolvimento do hunsriqueano riograndense foram profundas. Embora a geração mais velha ainda viva tenha aprendido a escrita e a leitura no alto-alemão no período antes de 1938, os conhecimentos de alemão da geração seguinte se limitaram à esfera doméstica da família. Para eles, o conhecimento da língua alemã reduziu-se ao uso dialetal em lugar do estado diglössico de uso do alto-alemão e do hunsriqueano na geração anterior. Tradução minha] (ALTENHOFEN, 1996, p. 70).

Desta maneira, as competências dos falantes no alemão-padrão foram diminuindo com o passar do tempo, ao passo que o acesso ao português escrito foi se estendendo paulatinamente (substituição da língua-teto, *Dachsprachenwechsel*). Com o tempo, as competências em português, no âmbito escrito, começaram a superar as do alemão. É o que descreve Schaden:

So lange das bäuerliche Leben weitergeht, kann man wohl zu Hause noch "Platt küern", soll man aber ein Briefchen – und sei es an den eigenen Bruder – schreiben oder sich mit einem Fremden – und sei es ein 'deutscher Ausländer', wie man so schön sagt – unterhalten, der kein Platt kann, nimmt man Zuflucht zur Landessprache, die man orthographisch und grammatikalisch besser beherrscht.

[Enquanto continua a vida rural, pode-se falar dialeto em casa. Mas no momento em que se precisa escrever uma carta – até mesmo para o próprio irmão – ou conversar com um estranho – e mesmo se for um 'estrangeiro alemão', como se costuma dizer – refugia-se na língua do país, cuja ortografia e gramática se domina melhor. Tradução minha] (SCHADEN 1954, p. 192).

A situação linguística dos descendentes dos imigrantes, portanto, pode ser resumida no esquema seguinte:



Como em qualquer outro esquema de projeção, o modelo acima simplifica a complexa interação das variedades envolvidas. Basta lembrar que também o português riograndense recebeu empréstimos do hunsriqueano, como por exemplo a palavra *Schmier* (por vezes, grafada como *chimia*) em lugar da forma *geleia*, variante igualmente presente no português gaúcho². Por outro lado, as mudanças na estrutura do espaço variacional não se efetuaram simultaneamente em todas as localidades e todas as camadas da comunidade imigrante. De modo geral, contudo, pode-se constatar aquela reestruturação significativa que consistiu no processo de substituição do *Hochdeutsch* pelo português como (*H*)*igh variety*.

Vale frisar que essa transição não aconteceu da noite para o dia, nem ocorreu sem repercussões graves para a competência escrita dos falantes. Incontestavelmente, nesta fase da imigração o acesso à escrita representava um problema para os imigrantes. Seu dialeto, o único código que realmente dominavam bem, não contava com uma forma escrita. Além disso, o contato com o *Hochdeutsch*, língua tradicionalmente utilizada na escrita, foi diminuindo sucessivamente até ser inteiramente proibido. Por outro lado, o português continuava sendo uma língua estrangeira, cuja norma escrita não estava ao alcance dos colonos.

2. Traços do contato linguístico nas cartas de imigrantes bilingues

Hoje em dia, ainda se podem observar os efeitos dos processos acima descritos, apesar de terem se passado já várias gerações, desde as primeiras levas de imigração.

² Cf. carta 357 do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, ALERS (ALTENHOFEN e KLASSMANN 2011).

Em muitos lugares do interior do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, o dialeto hunsriqueano continua sendo falado, embora com uma influência notável do português, tanto no léxico quanto na morfossintaxe e na fonética e fonologia. Disso dá conta a pesquisa dialetológica atual, levada a efeito por exemplo no projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)³, um macroprojeto desenvolvido em conjunto pela Christian-Albrechts-Universität (CAU) de Kiel, Alemanha, e o Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, sob a coordenação de Harald Thun e Cléo V. Altenhofen. Ao mesmo tempo, também o português falado por falantes bilíngues na Região Sul começa a ser estudado mais a fundo (vide ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011, com base nos dados do ALERS).

Apesar desses avanços, ainda permanece um terreno bastante inexplorado o estudo do contato entre o alemão e o português em uma perspectiva diacrônica. Essa lacuna justifica-se, em grande parte, pela dificuldade em reunir dados e fontes de pesquisa da(s) variedade(s) falada(s) pelos imigrantes das gerações passadas. Vale lembrar que a imigração iniciou-se em um período em que não havia ainda o registro acústico de voz; e, quando se escrevia, optava-se pela variedade standard do alemão.

Buscando constituir uma base documental para tal fim, reuni de 2011 a 2013 um corpus de mais de 300 cartas privadas, a maioria em alemão, uma parte também em português, e muitas com vários graus de mistura entre as duas línguas. Para esse propósito contava com uma bolsa da Fundação Alexander-von-Humboldt. Os documentos foram escritos em diferentes períodos da imigração, desde a chegada dos imigrantes na primeira metade do séc. XIX até os anos '60 do século XX. Optou-se pela carta privada como fonte, porque representa presumivelmente o tipo de texto que mais se aproxima ao estilo espontâneo e de proximidade da fala oral (cf. KOCH e OESTERREICHER, 1985, p. 17-29).

Nestas cartas dos imigrantes e de seus descendentes, pode-se observar o processo gradual de aproximação à nova língua de contato, o português, e ao mesmo tempo da perda de competências no alemão-padrão. Em virtude do espaço reduzido possível em um artigo, limito-me a apresentar e analisar apenas duas dessas cartas, que entretanto podem ser consideradas como exemplares dos processos envolvidos no

³ Para mais informação acesse: <http://www.ufrgs.br/projalma/>

contato linguístico entre o português e o alemão, porque mostram a complexidade do espaço variacional em que os falantes bilíngues no Rio Grande do Sul estavam inseridos. É importante lembrar o fato de que os colonos do interior do Estado provinham de um contexto rural, em que no dia-a-dia não eram obrigados nem a escrever nem a ler com regularidade. Como consequência, é de se esperar que possuíam pouca experiência com o meio escrito e as convenções ortográficas e discursivas do mesmo. Nessas circunstâncias, frequentemente eles tinham que confiar na sua própria pronúncia ou de outros membros de seu grupo (familiar ou social), no momento de compor os textos. Dessa forma, as cartas dos imigrantes aproximam-se muito da oralidade e permitem uma visão sobre as particularidades da fala dos teuto-brasileiros, conservando boa parte da variação fonética e morfossintática. Esta afirmação é ainda mais pertinente em relação às cartas escritas em português, porque comumente – pelo menos até depois da Segunda Guerra Mundial – os colonos não recebiam uma instrução formal nessa língua.

2.1. Interferências na língua de contato: carta de um teuto-brasileiro em português

Mesmo que no século XIX, para os imigrantes, a língua principal da escrita ainda era o alto-alemão, já nesta época encontram-se cartas privadas redigidas completamente em português. A seguir, reproduzo uma carta escrita por Fernando Martins Napp, nascido em 1874 no Brasil.⁴ A carta é redigida ao seu primo Carlos. O autor é filho dos imigrantes Maria Dorothea Dockhorn e Adam Napp⁵, agricultores de profissão:

Cruz Alta 27 de Julho de 1897

Amigo e Primo
Santa Maria

⁴ Na certidão de óbito do pai, consta que em 1895 Fernando Martins Napp era alfaiate em Venâncio Aires. É, portanto, verossímil que em 1897 ele desempenhava essa mesma profissão em Cruz Alta. Em outra carta do ano 1899 o mesmo autor faz outra menção inespecífica de seu negócio: "com a minha loja, serviso bastante".

⁵ Toda informação genealógica como também as próprias cartas de Fernando Martins Napp aqui reproduzidas foram extraídas de DOCKHORN, Avelino (1988). *Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988*. Porto Alegre: Gráfica Editora Palotti.

"Agradeço à Rejane Dockhorn por indicar essa fonte e de me fornecer um exemplar do livro da sua família."

Esta tem o fim de responder a tua carta, a qual eu arecebi hoje, e que muinto satisfeito, porem vai está comtando alguma cusa daqui, eu vou indo bem por emquanto e de serviso dampem estou satisfeito tenho tido pastante eu tenho de fazer todas as noites serão hoje de manhã é que o Ernani se mudou e me entregou a casa e asim eu faso tencãos de hir a Santa Maria em Outubro pasiar ver aquellas mosas de lá como vão, se ainda estão com a cabeça entre as horelhas e se ainda estão muinto pilantras ou não, eu de namora aqui vou indo bem tem umas quantas mosas que me querem muinto mais eu não faso caso dellas só por trosa é que dou uma conversa a ellas somentes para moher dexar ellas meias loucas tem uma que é sobrinha do general fermino de Paula que ficou me querendo bem num espetáculo que eu fui ella pasa as veses 3 ou 4 veses por dia na rua para me ver mais eu nem faso causo, com quem mem incherguo ella quando ella vem vindo e pasa emfrente a porta eu men olho, então ella falla só para eu olhar mais men asim eu olho, tem outra do Coronel José Pento Porto e a mesma cousa mais eu men agua como quem se faz de tollo e asi é a minha vida, ganhase pouco mais é diverdido, quando tu me escrever outra vez mande sempre uma folha de papel que eu vou ocupando e se quiser até im [apagado] pode mandar que eu aseito não amostra esta carta a ninguem queima ella sem mais asunto dé muintas saudades a todos de casa e aos amigos
aseita muito saudades deste teu primo
CbOI [?]

Fernando Martins Napp

NB. dá muintas saudades a Hulda e a Cecilia e dica a Cecilia se ella arecebeu uma carta que eu escrevi que mande a resposta com muintas novidades de lá isto Urgente ovuiu?

Sobre o motivo pelo qual o autor da carta escreve ao seu primo em português, só podemos especular. Pela carta, sabemos que o autor vive num ambiente luso falante, em

Cruz Alta,⁶ no centro do Rio Grande do Sul, e provavelmente no contexto do seu serviço (alfaiataria), mencionado na carta, mas não especificado, costumava falar português. Vindo de um contexto rural, possivelmente associava aquela língua com a relativa progressividade do âmbito urbano com o qual se começava a identificar.⁷

Por falta de espaço, me limitarei aqui a analisar os aspectos fonéticos, refletidos na grafia, que revelam as interferências do dialeto hunsriqueano no português, mas também certas particularidades da variedade do português com a qual o autor estava confrontado.

2.1.1. Oclusivas

Uma incerteza recorrente do autor da carta concerne à distinção entre oclusivas surdas e sonoras. São relativamente numerosos os exemplos em que confunde as letras correspondentes aos respectivos fonemas surdos e sonoros:

[b] – [p] : *dampem* (também), *pastante* (bastante), *Pento* (Bento)

[d] – [t] : *diverdido* (divertido)

[g] – [k] : *dica* (diga)

Estas “trocas de letras”, no português, têm sua origem a) no sistema fonológico da variedade do hunsriqueano (onde a oposição entre surda e sonora não é fonológica) e b) em uma regra fonética (não categórica) que atinge o padrão silábico do hunsriqueano e o traço de sonoridade das várias consoantes. ALTENHOFEN (1996, p. 260) descreve essa regra como uma *regra de sonorização*, a qual estabelece que, em posição pós-tônica e intervocálica, ocorra uma sonorização de consoantes surdas, e em posição inicial e final de palavra, assim como em posição inicial da sílaba tônica, geralmente ocorra dessonorização da consoante, portanto sem a vibração das cordas vocais

⁶ Embora não seja esse o motivo da ida de Fernando Napp a essa localidade, vale lembrar que Cruz Alta foi um dos destinos para onde muitos jovens descendentes de imigrantes eram enviados para o serviço militar. Com isso, o governo republicano – pode-se supor – esperava forçar a assimilação desses jovens ao português, uma vez que a grande distância de casa e a maior presença do português no entorno obrigava os jovens colonos alemães a uma imersão maior nessa língua, além de impedi-los de retornar com mais frequência à casa paterna.

⁷ O simples fato de escrever em português certamente não justificaria tal suposição, mas uma outra carta escrita em alemão, 27 anos mais tarde, pelo mesmo autor ao mesmo primo sugere essa perspectiva, como explicaremos mais adiante.

(ALTENHOFEN, 1996, p. 274). No entanto, por seu caráter facultativo, ressaltado por Altenhofen (1996, p. 344), tem-se como resultado uma grande variação entre alófonos surdos e sonoros, em todas as posições silábicas.

Mesmo que o texto da carta revele um nível de proficiência em português bastante avançado, é evidente que esta não é sua primeira língua e que o autor transfere as regras fonéticas com respeito à sonoridade das consoantes da sua primeira língua para o português. As alternâncias na grafia da consoante, nos casos em que não coincidem com as regras de sonorização ou ensurdecimento mencionadas, como se pode ver na grafia da palavra *dica*, em lugar de *diga*, podem ser atribuídas ou a hipercorreção ou ao *status* alofônico das variantes surdas e sonoras ao qual se fez alusão.

Nesse contexto, é oportuno destacar duas observações: 1) É importante lembrar que o ato de escrever no fundo é independente da própria articulação. Em outras palavras, mesmo que o autor não tivesse conseguido a r t i c u l a r de forma ortoépica as oclusivas no português, ele as poderia ter escrito corretamente, se ele tivesse o u v i d o a diferença entre oclusivas surdas e sonoras. Isso ilustra que o problema da distinção entre fonemas na aprendizagem de segundas línguas ocorre, em primeiro lugar, na percepção, e só depois de pronúncia (cf. também AKERBERG, 2006). 2) Por outro lado, comprova que a forma ortográfica dessas palavras enquanto *gestalt* (ou esquema visual) não era suficientemente conhecida do autor, a ponto de o guiar na hora de escrever e não deixá-lo dependente apenas da sua impressão auditiva. Usando as palavras de FERREIRO e TEBEROSKY (1987), o autor chegou até a fase alfabética com respeito a essas palavras, mas não ao nível ortográfico (ou só parcialmente). Isso pode ser visto como indício de que a aquisição do português deu-se principalmente no meio fono-acústico, quer dizer, através de conversas e, em menor medida, através de textos gráficos, e muito provavelmente sem ensino formal. Contudo, essa afirmação não pode ser feita de maneira categórica, como discutiremos mais adiante (seção 2.1.4).

2.1.2. Sibilantes

Uma outra incerteza frequente do autor concerne a grafia das sibilantes, como mostram os seguintes exemplos: *serviso* (serviço), *faso* (faço), *pasiar* (passear), *mosas* (moças), *cabesa* (cabeça), *trosa* (troça), *aseito* (aceito), *asunto* (assunto), *pasa* (passa), *veses* (vezes), *asim* (assim). Aqui, a solução adotada parece ser a generalização do

grafema <s> para dar conta da heterogeneidade de grafemas para os fonemas /s, z/, incluindo <ss, ç, c, s>, de um lado, e <s, z>, de outro. É, no entanto, difícil fazer uma avaliação definitiva do motivo dos “erros”. Poderiam ser atribuídos ao mesmo processo de sonorização observado no caso das oclusivas, ou seja, pode ser visto como um indício de que não tinha consciência da diferença fonológica entre /s/ e /z/. Não é possível, porém, fazer afirmações conclusivas sobre qual teria sido sua pronúncia de fato. Por outro lado, o autor pode simplesmente ter desconhecido a grafia <ss> ou <ç> para o fonema /s/, já que não usa nenhuma das duas formas na carta.

2.1.3. Queda da vibrante final

Os desvios ortográficos tratados até aqui podem ser interpretados como interferências do alemão – mais especificamente da variedade do hunsriqueano –, mas outros desvios da norma revelam características da variedade do português regional (rio-grandense), assim como do processo de aquisição da língua de contato pelo autor. Em posição final de sílaba, particularmente em posição final de verbos no infinitivo, existe uma tendência a suprimir a vibrante. Essa tendência, registrada desde o final do século XIX (MONARETTO, 2002, p. 253, cf. também TEYSSIER 1982, p. 83), se transfere só parcialmente para a carta em análise. A grafia *namora* do Fernando Martins Napp na frase *eu de namora aqui vou indo bem* pode ser interpretado como um reflexo dessa tendência e indica que o português foi adquirido mormente de maneira oral porque o autor privilegia a forma fonética sobre a morfológica⁸. Ao mesmo tempo, o seu texto mostra que a apócope do *-r* final ainda não era generalizada na região, porque na maioria dos infinitivos aparece (*mandar, pasiar, responder*). Infelizmente, não encontramos no texto nenhum exemplo que permita verificar a distinção entre /r/ simples e múltiplo, em posição vocálica, grafada respectivamente como <r, rr>, uma oposição que costuma causar problemas para os falantes bilíngues português-hunsriqueano (cf. STEFFEN 2013).

2.1.4. Monotongação de /ow/ e /ej/

⁸Outra interpretação possível é que *namora* aqui pode ser entendida como desvio da forma do substantivo *namoro*, na expressão *ir bem de namoro*, mas a confusão da vogal parece-me menos provável.

A grafia *dexar* em lugar de *deixar* remete a uma característica do português falado, comum no sul do Brasil. A monotongação do ditongo /ej/ para [e] (cf. mapas 24 e 25 do ALERS), porém, não é generalizada no texto da carta, como mostram outras grafias, como *fiquei*. O mesmo vale para a monotongação de /ou/ para [o] que ocorre em *oviu*, mas não em *estou*. Chama a atenção que a monotongação ocorra somente em sílaba átona, quer dizer, não em sílaba tônica, onde as marcas do ditongo são mais salientes. Mesmo assim, a prevalência de grafias corretas sobre incorretas com respeito aos ditongos (por exemplo do ditongo nasal /ãõ/, como em *estãõ*, *nãõ*, *entãõ*) sugere que o autor da carta tinha acesso a textos escritos em português, o que lhe permitiu aprender a *gestalt* de pelo menos algumas palavras, incluindo certamente os princípios básicos que regem a ortografia do português, embora não a ponto de chegar a dominar essa ortografia de forma proficiente.

2.1.5. Uso hipercorreto de <h>

Essa última observação é corroborada pelo uso hipercorreto de <h> nas palavras *horelhas* (orelhas) e *moher* (moer). A letra <h> no português é usada unicamente por razões etimológicas e não corresponde a um valor fônico. O autor deve ter visto a letra <h> escrita em palavras com <h> etimológico e ter notado o seu caráter puramente gráfico, sem valor fonológico e pronúncia efetiva. Aliás, esse traço não é compartilhado com o alemão, onde o <h>, pelo menos em início de palavra, costuma efetivamente ser pronunciado.

O que se observa na carta é que seu autor generaliza o uso do grafema <h>. Em virtude dos traços mencionados, de só aparecer na língua escrita, sem pronúncia efetiva, o uso hipercorreto do <h> em início de palavra deve ter sido associado com um estilo de grafia elegante⁹.

2.1.6. Ditongação de /a/ em sílaba travada por /s/

A ditongação da conjunção *mas* nas frases *mais eu não faso causo; mais men asim eu olho* e *mais é diverdido* aponta para uma marca de inovação do português

⁹ Compare o mesmo uso hipercorreto da letra <h> nos escritos de escreventes semi-alfabetos do México da época da Revolução Mexicana (cf. STEFFEN, 2011, p. 159).

brasileiro, qual seja a ditongação da vogal diante de sibilante (cf. também *déis* ‘dez’, *cruis* ‘cruz’ etc.). Essa inovação vem se difundindo desde o centro do Brasil para o Sul, onde ainda hoje não é muito comum (mapa 1 do ALERS). O fato de que um filho de imigrantes do sul, Fernando Martins Napp, tenha participado dessa inovação pode ser visto como surpreendente, ainda que pareça ter-se limitado à conjunção *mas*. Em todo caso, este exemplo novamente confirma a prevalência da aquisição do português por via oral.

2.1.7. Fechamento de /e/ e /o/ em sílaba átona

A grafia *novidades*, usada pelo autor, é indício do fechamento da vogal média /e/ em sílaba átona, e a grafia *incherquo* indica ao mesmo tempo o fechamento das duas vogais médias /e/ e /o/. Ambos os processos são fenômenos bem conhecidos do português brasileiro e remetem à pronúncia usual também em Portugal até o século XVIII (cf. ILARI, 1997, p. 245).

2.1.8. Nasais

As letras correspondentes às nasais exibem alguma variabilidade. A grafia *comtando* (contando) provavelmente só reflete o desconhecimento da regra que limita o uso do <m> para marcar a nasalidade diante de <t>. Mais interessante, porém difícil de explicar, parece a inversão de <m> e <n> na palavra *men* (nem), que ocorre duas vezes, o que deixa parecer inverossímil que a troca foi por acaso. Possivelmente a confusão é resultado da falta de familiaridade com a vogal nasal – inexistente no alemão – e com as convenções de representá-la ortograficamente. A grafia *muinto*, que aparece três vezes, corrobora essa tendência em relação às nasais de que o autor da carta escreve mais a partir da oralidade (do que fala e ouve) do que da escrita (de suas práticas de leitura), pois transfere para o papel a grafia da pronúncia ['mujnto]) do português brasileiro (neste caso, da variedade rio-grandense – cf. mapa 26 do ALERS), e não das regras de ortografia das nasais.

2.2. Interferências do hunsriqueano na língua-padrão: carta de um teuto-brasileiro em alemão

Na análise da carta anterior, em português, partimos da suposição de que Fernando Martins Napp era falante do hunsriqueano por causa dos tipos de desvios ortográficos no português. Com o objetivo de corroborar essa suposição e complementar as constatações feitas na carta em português (sem a intenção de uma análise exaustiva), reproduzo a seguir uma outra carta do mesmo autor ao mesmo destinatário, seu primo Carlos, porém escrita na outra língua de contato, alemão standard, e 27 anos mais tarde. Esta comparação da variação entre as línguas de um falante/escrevente bilíngue equivale, no modelo da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1998), à dimensão dialingual.

Cruz Alta 14 de Maio de 1924

Lieber Primo

Carlos.

Ich habe dein prief am 8 erhalten
was mich sehr gefreud hat um
nachricht von euch zu bekommen
habe. bei untz ged es noch gud
was ich auch von euch hoffe. mein
Bruder Ferdinand ist auch bei
mier auf besuch und macht
heude zuhaus die andren verwan-
den sind noch alle munder,
unsere gros Väter hißen Fridrich
Dockorn, und Juliane Thatscht,
andere nachrichten kan ich dir keine
schreiben so grüße mier alle ver-
wanden und nim Hertzliche grüß
von dein Primo

Martin Napp

O próprio fato de que o autor, nessa idade, escreve em alemão merece um comentário. Inicialmente, vale destacar que esta carta não foi escrita no alfabeto latino, como a anterior, em português, e sim na grafia corrente alemã (*deutsche Kurrentschrift*), o alfabeto usado comumente nas regiões de fala alemã até meados do século XX. Podemos supor que, com a idade avançada, o autor da carta sentia mais anseio de se identificar com sua origem alemã do que na adolescência, quando para ele dominar o português equivalia a uma forma de acesso à sociedade mais progressiva e moderna da cidade. Outra possibilidade – que no entanto não contradiz a primeira – é que o

destinatário desempenhe um papel, na medida em que pode ter sido associado a uma proficiência maior em alemão.

Fora desses aspectos de escolha da língua para a comunicação, a carta em alemão apresenta algumas características reveladoras com respeito ao idioleto do autor. Ainda que ele busque escrever a carta em *Hochdeutsch*, isto é, em alemão-padrão, ela contém uma série de erros de ortografia que indicam que o autor deve ter sido falante do hunsriqueano. Embora o foco deste artigo enfatize as interferências da língua materna (provavelmente hunsriqueano) na língua de contato (português), vale destacar alguns indícios bastante claros dessa mesma interferência na norma escrita do alemão (*Hochdeutsch*), como no caso da confusão entre oclusivas sonoras e surdas, exemplificado em grafias como *prief* (*Brief*), *erhalden* (*erhalten*), *heude* (*heute*), *munder* (*munter*), entre outras. No nível lexical e morfológico, pode-se mencionar o uso do verbo *machen* com o sentido de *viajar* (cf. *Rheinisches Wörterbuch*, tomo V, p. 674) e a redução do sistema de casos gramaticais (*von dein Primo* em lugar de *von deinem Primo*). Isso mostra que as duas cartas apresentam um paralelismo com respeito às influências do hunsriqueano sobre as respectivas normas *standard*, seja o português ou seja o alemão, que formam a base dos dois textos escritos. Apesar da segunda carta ter sido escrita em alemão, pelo mesmo autor, o que a análise do conjunto de meu corpus de cartas indica, com frequência, é uma tendência crescente à substituição do *Hochdeutsch* pelo português (*Dachsprachenwechsel*), sobretudo na função escrita. Mas isso é assunto para um próximo artigo. Por ora, nos detemos especialmente nas influências fonéticas do hunsriqueano na escrita em português e em alemão *standard*.

3. Conclusões

O estudo de cartas privadas antigas permite lançar um olhar sobre as práticas comunicativas dos imigrantes e de seus descendentes, no âmbito escrito. Por um lado, mostra a vitalidade do alemão *standard*, que o autor, nascido no Brasil, deve ter aprendido numa escola da colônia.¹⁰ Por outro lado, nos traz elementos valiosos para compreender o processo de acercamento à língua oficial do novo ambiente, o português.

¹⁰ FAUSEL (1962, p. 211) estima que antes da Segunda Guerra Mundial nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul as competências de lectoescritura no alto alemão correspondiam aproximadamente às regiões rurais da Alemanha.

Em ambos os casos, a influência do hunsriqueano é claramente percebida por meio dos desvios ortográficos que analisamos. Dessa forma, as deficiências ortográficas descritas e o estilo altamente espontâneo das cartas, revelam, ainda que seja de forma indireta, aspectos do estágio em que se encontrava a fala dos colonos bilíngues, além de jogar luz sobre aspectos históricos do contato linguístico no Rio Grande do Sul, do qual faz parte o autor dessas cartas de 1897 e 1924, Fernando Martins Napp, alfaiate e morador em Venâncio Aires e, depois em Cruz Alta, distantes 260 km entre si. Esse estudo com fontes escritas mostra, por fim, a relevância desse tipo de análise para a descrição da história das línguas de imigração alemã em contato com o português no Brasil.

Referências

AKERBERG, Marianne. La percepción auditiva como factor en la adquisición de sonidos en la L2. In: AKERBERG et al. (Eds.). *Adquisición de segundas lenguas: Estudios y perspectivas*. México: UNAM, 2006. p. 45-71.

ALTENHOFEN, Cléo V. e KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. e MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H. / ALTENHOFEN, C. V. / RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.

DOCKHORN, Avelino. *Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988*. Porto Alegre: Gráfica Editora Palotti, 1988.

FAUSEL, Erich. *Hochdeutsch, Mundart und Mischsprache bei den Deutschen in Brasilien*. *Wirkendes Wort* 12, Düsseldorf, p. 210-217, 1962.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre, Artmed, 1987.

ILARI, Roberto. *Linguística Românica*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo; KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Cartas Fonéticas e Morfosintáticas. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

KOCH, Walter. Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung. In: THUN, H. / RADTKE, E. (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie (Heidelberg / Mainz 21.-24.10.1991)*. 1996. p. 307-322.

KOCH, Peter e OESTERREICHER, Wulf. *Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte*. Romanistisches Jahrbuch, vol. 36. p. 15-43.

KREUZ, Lúcio. *Escolas Comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*. Revista Brasileira de Educação, novembro-dezembro, número 15. São Paulo: 2000, p. 159-176.

MONARETTO, Valéria. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L. / BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MÜLLER, Josef (ed.). *Rheinisches Wörterbuch*. Tomo V: L-M. Berlin: Klopff, 1941.

PUPP SPINASSÉ, Karen (2011), "O ensino de línguas em contextos multilíngues", In: MELLO, H. / ALTENHOFEN, C. V. / RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 423-443.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

SCHADEN, Egon. Der Deutschbrasilianer – ein Problem. *Staden-Jahrbuch 2*. São Paulo, p. 181-194, 1954.

SCHRÖDER, Ferdinand. *Brasilien und Wittenberg. Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien*. Berlin: De Gruyter, 1936.

STEFFEN, Joachim. Elementos de oralidad en cartas de soldados mexicanos de la época de la Revolución, *NRFH*, México, LX1, num. 1, p. 151-171, 2011.

STEFFEN, Martina. *Variação diastrática e diageracional do r-forte em português por falantes bilíngues de hunsriqueano como língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Organon, Porto Alegre, v. 28, N. 54. Fonologia: variação e mudança, 2013.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá Da Costa Editora, 1982.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. 1995, Palermo)*. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 1998.

TORNQUIST, Ingrid Margareta. *Das hon ich von meiner Mama*. Uppsala: Swedish Science Press, 1997.

**ASPECTS OF GERMAN-PORTUGUESE LANGUAGE CONTACT
IN SOUTHERN BRAZIL BASED ON HISTORICAL LETTERS:
PHONETIC INTERFERENCES IN THE PORTUGUESE OF
IMMIGRANTS**

ABSTRACT

The massive immigration of German settlers in Southern Brazil, which initiated in 1824, marked the onset of a long-lasting language contact, resulting in mutual influencing of the involved varieties, namely Portuguese, Hunsrick dialect and Standard German. Historical letters written by settlers with little formal education provide an insight into the process of approximation and language convergence by means of orthographic deviations that reveal interferences which marked the pronunciation of bilingual speakers. The present article analyses two letters, one in Portuguese, the other in German, written by the same author, a son of German immigrants. The analysis concentrates on phonetic and phonological aspects that are reflected in spellings deviating from the respective standard norms.

Keywords: letters of immigrants, language contact, historical phonetic.

Recebido em 12/09/2013.
Aprovado em 26/09/2013.